

Federação do Comércio de Bens, Serviços e
Turismo de Santa Catarina

ICF

Intenção de Consumo das Famílias

Núcleo de Estudos Estratégicos Fecomércio SC
Setembro de 2022

SUMÁRIO

SUMÁRIO EXECUTIVO	2
MOMENTO ATUAL: EMPREGO E RENDA.....	6
CONDIÇÕES DE CONSUMO: ACESSO AO CRÉDITO, MOMENTO PARA DURÁVEIS E CONSUMO	11
PERSPECTIVAS: PROFISSIONAL E CONSUMO	18
METODOLOGIA.....	22

SUMÁRIO EXECUTIVO

A Intenção de Consumo das Famílias Catarinenses (ICF) acelera a trajetória de crescimento ao avançar 7,6% na passagem do mês, sexta alta consecutiva. Ainda que os resultados positivos sejam predominantes durante o ano de 2022, somente março teve queda, a satisfação das famílias está em níveis considerados baixos, ao situar-se em 67,3 pontos, consolidando dois anos e cinco meses sucessivos nesse patamar. Além disso, o nível de consumo segue inferior ao período pré-crise, queda de 40,0% frente a fevereiro de 2020.

Em setembro, todos os indicadores que compõem o ICF avançaram diante do mês anterior. Além disso, esse é o primeiro momento, desde o início da série histórica, que acontece o desempenho positivo e sucessivo de todos os componentes do ICF. Por isso, nota-se que a recuperação da intenção de consumo das famílias ocorreu de maneira homogênea neste terceiro trimestre de 2022, cenários opostos aos do primeiro semestre do ano corrente, onde houve oscilações de alguns componentes.

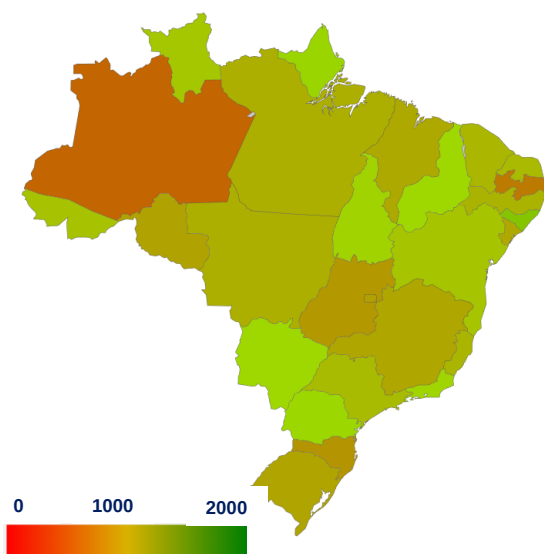
O desempenho positivo do mês foi impulsionado pelo nível de consumo atual, que avançou 17,61% na passagem do mês, mantendo a trajetória de recuperação que foi iniciada em fevereiro deste ano. Ainda, as expectativas de médio prazo de consumo foi o terceiro com maior crescimento, indicando que nos últimos três meses do ano a tendência é de ampliação do consumo.

Intenção de Consumo das famílias catarinenses acelera movimento de alta e renova a maior trajetória positiva da série

O indicador ficou em 67,3 pontos numa escala de 0 a 200

Santa Catarina							
Indicadores	fev/20	set/20	ago/22	set/22	Variação mensal	Variação anual - Igual período	Variação - Fev.2020 (pré-pandemia)
Emprego Atual	123,5	54,1	67,8	71,3	5,09%	31,75%	-42,3%
Perspectiva Profissional	143,2	86,5	89,8	93,3	3,85%	7,83%	-34,9%
Renda Atual	121,3	60,2	84,3	88,8	5,35%	47,49%	-26,8%
Acesso ao Crédito	110,0	50,1	70,5	76,0	7,92%	51,80%	-30,9%
Nível de Consumo Atual	92,2	11,0	15,3	18,0	17,61%	64,20%	-80,4%
Perspectiva de consumo	111,1	51,9	68,6	76,7	11,73%	47,68%	-31,0%
Momento para duráveis	83,2	43,9	41,7	47,1	13,05%	7,16%	-43,4%
ICF	112,1	51,1	62,6	67,3	7,58%	31,71%	-40,0%

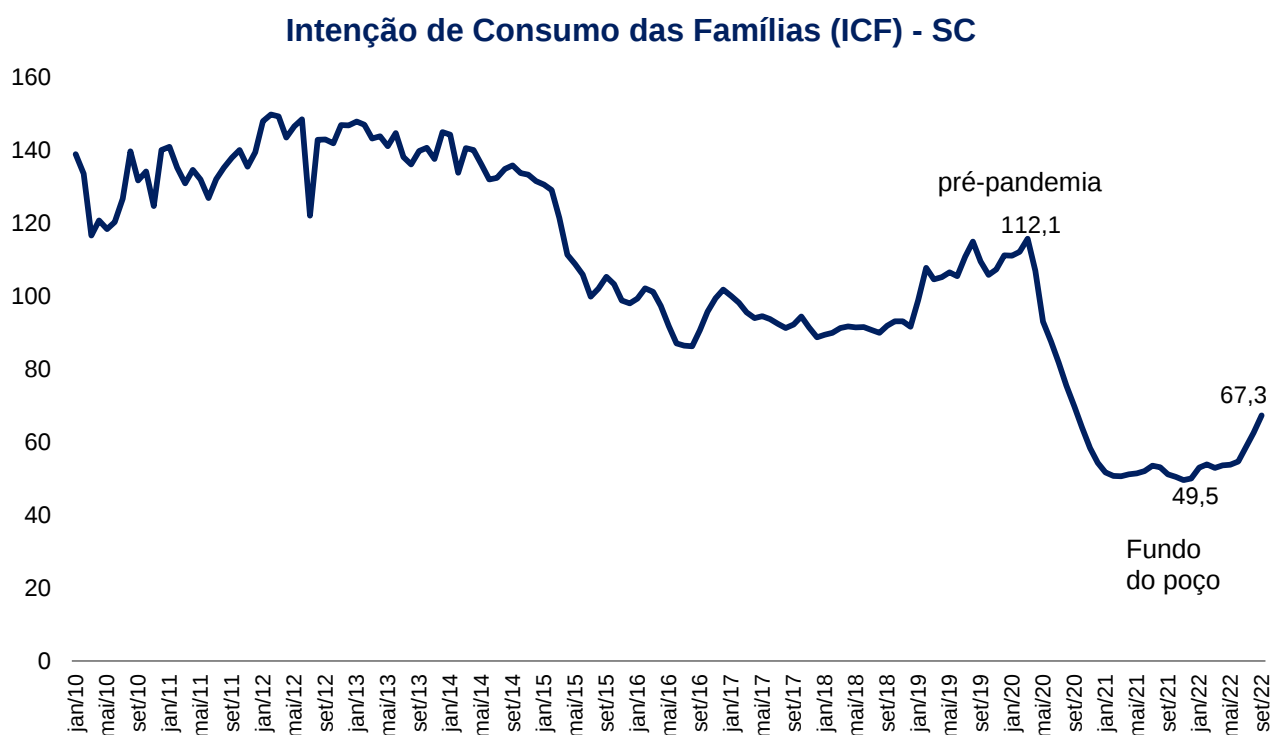
Índice do ICF por Estado – Setembro de 2022



A Intenção de Consumo das Famílias (ICF) catarinenses acelerou o ritmo de recuperação, ao avançar 7,6% na passagem do mês, após alta de 6,8% em agosto. Esse foi o maior resultado registrado na comparação mês a mês desde o início da crise da pandemia no Estado, em fevereiro de 2020. Ainda, o crescimento também é mais intenso já alcançado no mês de setembro na comparação com igual período dos anos anteriores.

O ciclo de recuperação atinge o sexto mês seguido e renova a maior sequência de resultados positivos já apresentados na série histórica da pesquisa iniciada em janeiro de 2010. Durante o ano de 2022, a taxa positiva foi predominante em oito períodos, somente em março houve retração, por isso, a variação mensal média da intenção de consumo foi de 3,4%. Esse resultado é oposto ao mesmo período do ano anterior, quando a média mensal do semestre ficou em -0,64%, condição que reforça a retomada.

A tendência de recuperação observada em Santa Catarina ocorreu em outras 20 unidades da federação, por isso, o nível otimista avança no país. Apesar disso, a maioria dos Estados seguem apontando que as famílias estão em patamar pessimista, pois, somente dos Alagoas (108,5 pontos), Amapá (102,3 pontos) e Paraná (100,8 pontos), estão com índice acima dos 100 pontos. Observar a ampliação dos estados com patamar otimista das famílias já que no mês anterior dois estados apontavam essa condição.



Mesmo que Santa Catarina apresenta trajetória de recuperação, a intenção permanece em nível pessimista ao situar-se em 67,3 pontos. Com esse resultado, as famílias mantêm o ciclo de patamar negativo em termos absolutos por dois anos e cinco meses consecutivos, o maior movimento negativo desde o início da série histórica em janeiro de 2010, superando o ciclo que ocorreu entre fevereiro de 2017 e janeiro de 2019. Além disso, o panorama atual é mais grave, pois as perdas são mais acentuadas, naquele momento o índice mínimo foi de 88,7 pontos, já nesta fase, o índice atingiu 49,5 pontos em novembro de 2021.

Assim, a deterioração do consumo durante a crise segue elevado e o índice está 40,0% abaixo do período pré-crise de saúde pública.

No comparativo anual, houve alta de 31,7%, depois de avançar 17,8% em agosto do ano corrente. A trajetória positiva alcança o nono mês consecutivo, tendência que foi iniciada em janeiro, quando o índice reverteu o movimento negativo que ocorria desde maio de 2020, ou seja, foram vinte meses sucessivas quedas. Esse resultado fortalece o sinal de recuperação das famílias diante de um contexto epidemiológico mais estável comparado a 2021 e 2020.

Em setembro, todos os indicadores que compõem o ICF avançaram diante do mês anterior, condição que não acontecia desde fevereiro de 2019. O resultado positivo foi impulsionado pelo nível de consumo atual, momentos para duráveis e as perspectivas de consumo futuro, alta de 17,61%, 13,05% e 11,73%, respectivamente. Por outro lado, observa-se que nenhum componente do ICF recuperou as perdas ocasionadas pela pandemia até o presente momento.

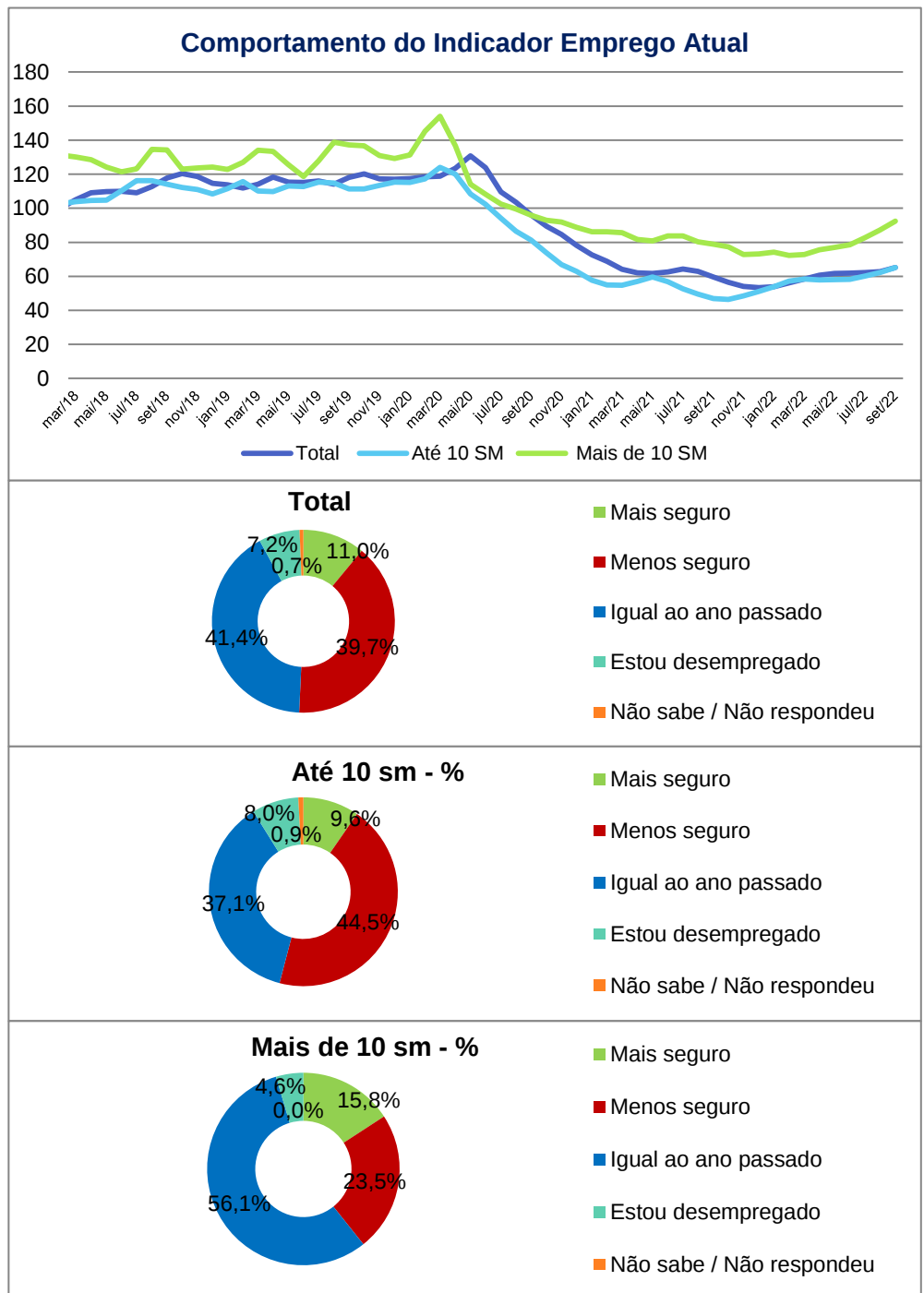
A pesquisa de Intenção de Consumo das Famílias permite avaliar tanto a situação atual quanto às expectativas e perspectivas dos principais aspectos relacionados ao consumo no estado de Santa Catarina, também é possível analisar os dados conforme recorte de faixa de renda familiar menor ou maior que 10 salários mínimos (SM).

MOMENTO ATUAL: EMPREGO E RENDA

A expectativa das famílias para o **Emprego Atual** encerrou o terceiro trimestre de 2022 acelerando o ritmo da recuperação ao crescer 5,1% diante do mês anterior, após alta de 4,0%. O movimento positivo ocorre desde outubro de 2021, quando atingiu o menor patamar da série histórica em termos absolutos (53,4 pontos), assim, registra onze meses seguidos de crescimento, com média 2,7% durante esse período. Ainda, nota-se que esse é o maior movimento de recuperação dentre os indicados do ICF.

A recuperação do

componente é mais forte no 3º trimestre deste ano, já que a média de crescimento atingiu 4,3%, depois de média de 3,16% no 1º trimestre e 0,65% no



2º trimestre. Esse cenário está em linha com o mercado formal de emprego no Estado, que avançou fortemente em 2021 e recuperou grande parte dos postos de trabalho, ao criar 167.854 novas vagas de emprego, o quinto melhor resultado em número absoluto dentre as unidades da federação. Em 2022, o mercado de trabalho segue aquecido, ao criar 89.065 novos postos de trabalho nos sete primeiros meses do ano.

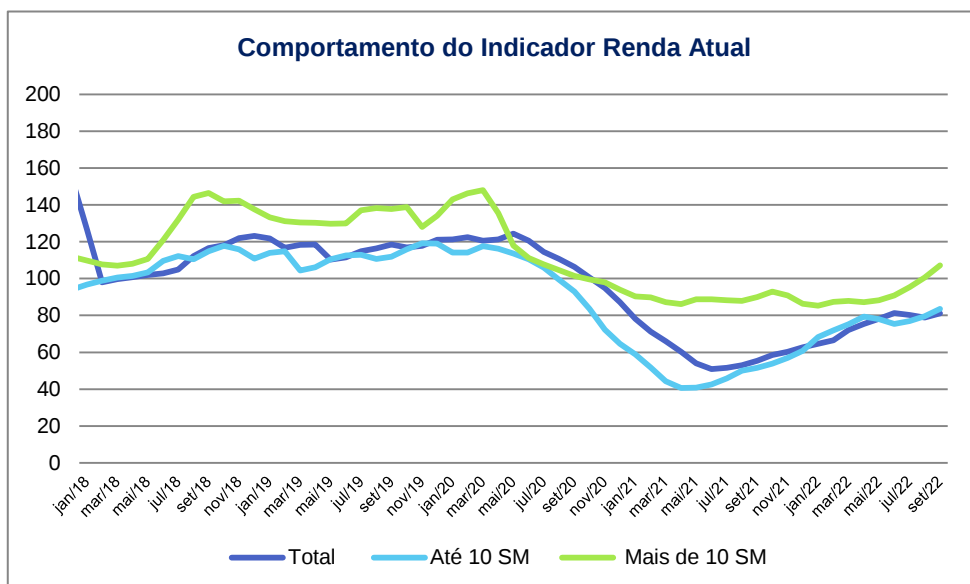
Na comparação com igual período do ano anterior, o índice manteve trajetória de crescimento pelo terceiro mês seguido, alta de 31,8%. Ainda que o desempenho seja favorável, o índice está 42,3% abaixo do nível pré-crise (fevereiro de 2020), assim, as famílias estão mais inseguras neste mês no emprego atual do que no início da crise. Desta forma, a condição das famílias persiste pessimista, ao situar-se em 71,3 pontos – valor considerado de sólido pessimismo numa escala que vai de 0 a 200. Ainda, o indicador completa 27 meses consecutivos em patamar negativo, o maior intervalo de insegurança e com perspectivas negativas quanto ao emprego atual desde o início da pesquisa, mesmo nas crises anteriores, as famílias apresentaram momentos otimistas quanto ao emprego.

A insegurança das famílias é notada pelas respostas dos entrevistados, onde 39,7% deles indicam estarem menos seguros na permanência do Emprego Atual e apenas 11,0% se sentem mais seguros no emprego. Apesar do resultado ainda ser baixo quanto à segurança no emprego, há evolução desde o início do ano, quando o índice atingiu 4,2% dos entrevistados. Ao analisar o resultado diante de igual período de 2019, nota-se que a segurança do emprego atual é inferior, pois naquele momento 31,6% dos entrevistados afirmaram estar seguros no emprego.

Com relação às faixas de renda analisadas na pesquisa, a tendência acompanha o indicador principal quanto ao grau pessimista das famílias. O impacto do emprego no grau de satisfação parece ser mais sentido para as famílias com renda abaixo de 10 SM, que apontou no mês 65,1 pontos, aumento

de 4,78% frente ao mês anterior, quinta alta seguida. Já para a faixa acima de 10 SM o índice é de 92,3 pontos, alta de 5,85% frente a agosto, sétima alta consecutiva. Apesar de ambos estarem em patamar pessimista em termos absolutos, a maioria das famílias com renda maior indicam condição equivalente ao ano passado (56,1%) para a permanência no emprego atual, enquanto 44,5% com renda menor afirmam estar menos seguros.

O **indicador da Renda Atual** ampliou o movimento de crescimento na passagem do mês ao crescer 5,3%, depois de avançar 4,0% no mês anterior. Durante o ano de 2022 o componente apresenta predomínio de taxas positivas, com sete meses em crescimento. Assim,

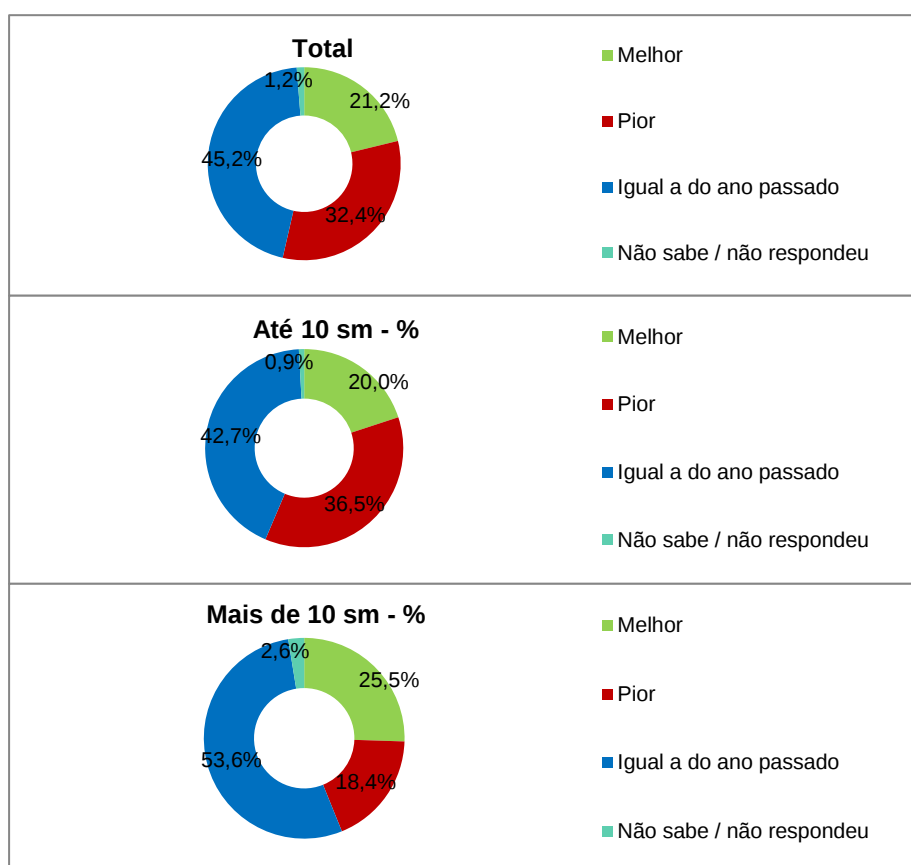


a média de variação mensal neste ano é de 3,3%. Vale notar que diferente do índice de emprego atual, o componente da renda apresentou a maior média de crescimento mensal no 1º trimestre de 2022, com alta de 5,47%, desacelerando para 0,37% no 2º trimestre e 4,0% no 3º trimestre. Devido a essa recuperação, o índice é o menos afetado pela crise entre os demais componentes do ICF, ao estar 26,8% menor que em fevereiro de 2020.

Na variação anual, a renda atual acelerou o movimento ascendente ao avançar 47,5% frente a igual período de 2021. O forte resultado deve-se à base de comparação reduzida, naquele momento o índice foi o sétimo menor valor da série histórica da pesquisa.

Os resultados positivos dos últimos meses não foram suficientes para reverter o nível de confiança, que segue pessimista, ao situar-se em 88,8 pontos. Apesar disso, esse patamar é o segundo dentre os componentes do ICF na comparação em termos absolutos. Ainda, nota-se que o caminho para reverter às perdas da pandemia ainda é longo. São 32,4% dos entrevistados

indicando estar com renda pior que no ano anterior, resultado muito superior ao registrado em fevereiro de 2020, naquele momento 21,9% das famílias afirmaram ter renda pior. Cenário equivalente para as famílias com renda melhor, onde 43,3% das famílias afirmaram essa



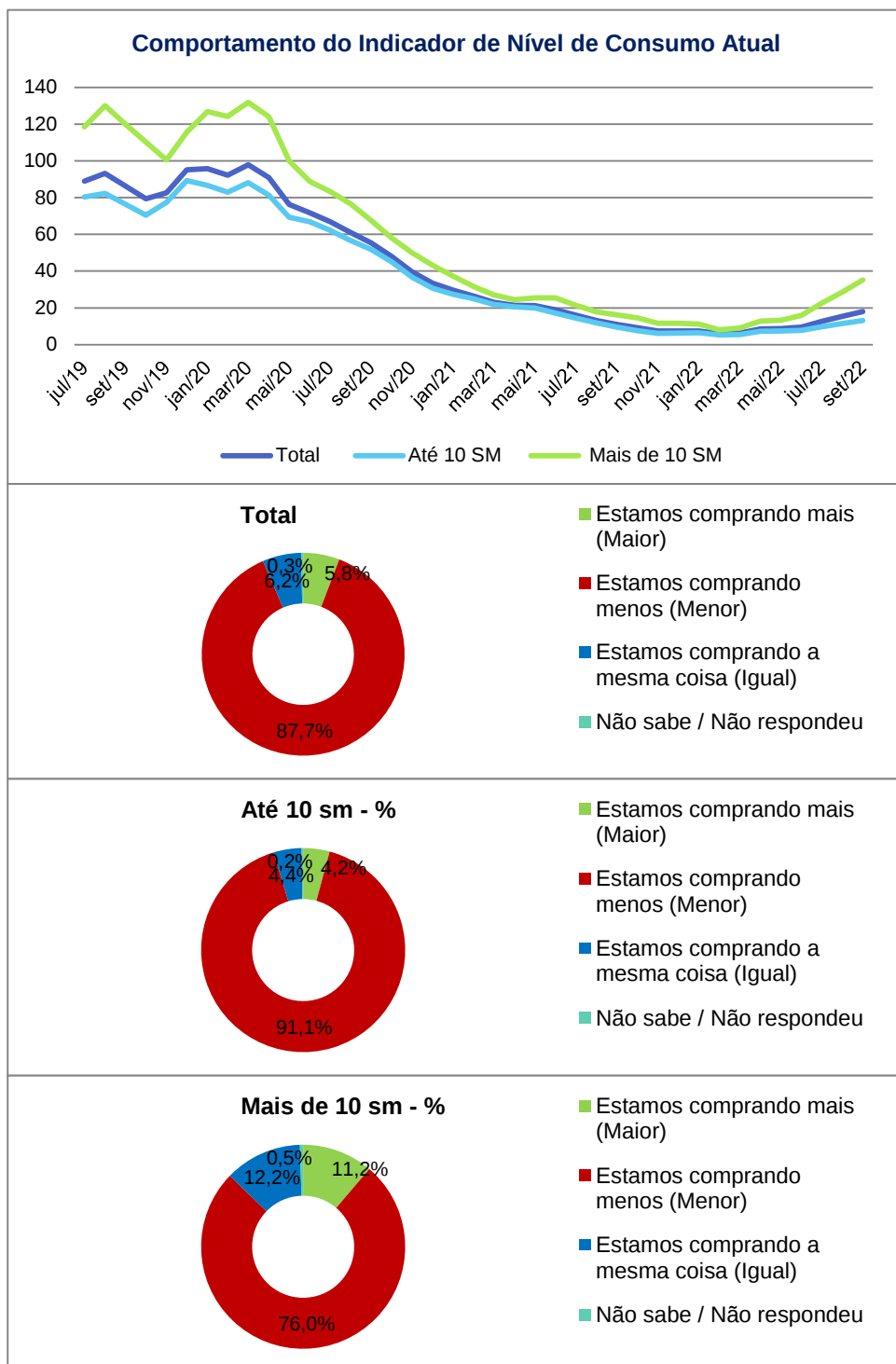
condição em fevereiro de 2020, já neste ano são 21,2% indicando renda melhor.

Ao analisar as faixas de renda, o impacto no indicador de renda atual é mais acentuado para as famílias com renda até 10 SM. Esse resultado é visível na manifestação de 18,4% das famílias com renda acima de 10 SM, que afirmam ter renda pior que no ano anterior, enquanto 36,5% das famílias com renda menor que 10 SM indicam essa situação. Ainda, o grupo com renda acima de 10 SM apresenta trajetórias de recuperação ao crescer por cinco meses seguidos, alta de 6,6% diante do mês anterior, inclusive em termos de pontos passou do nível pessimista para o otimista ao alcançar 107,1 pontos.

Por outro lado, o índice para o grupo com menor renda segue em cenário pessimista ao registrar 83,5 pontos em setembro, mesmo com alta de 4,89% na passagem do mês.

CONDIÇÕES DE CONSUMO: ACESSO AO CRÉDITO, MOMENTO PARA DURÁVEIS E CONSUMO

O indicador do **nível de consumo atual** começou o ano de 2022 mantendo o movimento de retração que ocorreu durante todo o ano de 2021. A deterioração arrastou o índice ao ponto mais baixo da série histórica (5,9 pontos) em fevereiro de 2022. Entretanto, após esse recorde negativo o componente apresenta trajetória positiva, resultando em sete meses com crescimento sucessivos. Em setembro de 2022, o índice reduziu o ritmo de crescimento, ao avançar 17,6% diante do mês anterior, após alta de 21,7% em julho.



Nota-se que durante o ano de 2022, a taxa positiva foi predominante em sete meses, somente em janeiro e fevereiro houve retração, por isso, a variação mensal média do nível de consumo foi de 11,5%, a maior taxa dentre os componentes do ICF. Esse desempenho diverge do movimento que ocorreu no mesmo período do ano anterior, quando houve o predomínio de taxas negativas entre janeiro e setembro, ficando a média mensal em -11,5%. Ainda, essa trajetória de alta é a maior desde abril de 2020, quando o componente começou o ciclo de quedas que durou por 20 meses seguidos. A recuperação do componente é mais forte no 3º trimestre deste ano, já que a média de crescimento atingiu 23,7%, depois de média negativa de 4,52% no 1º trimestre e avanço de 15,41% no 2º trimestre.

Na comparação com igual período do ano anterior, o componente do consumo atual encerrou ciclo de variações negativas que permanecia por vinte e sete meses consecutivos (desde maio de 2020) no mês anterior ao crescer 17,1%, condição positiva permaneceu em setembro com alta de 64,2%. Apesar disso, o ritmo de crescimento é insuficiente para reverter os impactos negativos, assim, o índice está 80,4% abaixo de fevereiro de 2020 (pré-pandemia). Diante disso, o consumo atual segue em nível pessimista ao situar-se em 18,0 pontos.

Importante ressaltar que no ano passado, o índice sofreu forte deterioração, com média mensal negativa de 11,5%, assim, renovou a mínima histórica por quatorze meses consecutivos, o maior ciclo entre os indicadores do ICF na história da pesquisa. Ainda, o índice já estava em patamares negativos, mesmo antes da pandemia, e sofre efeitos desde a crise de 2015 e 2016, não recuperando a confiança otimista desde fevereiro de 2015. Mas o ciclo da pandemia é mais crítico por estar marcado por mínimas históricas da série.

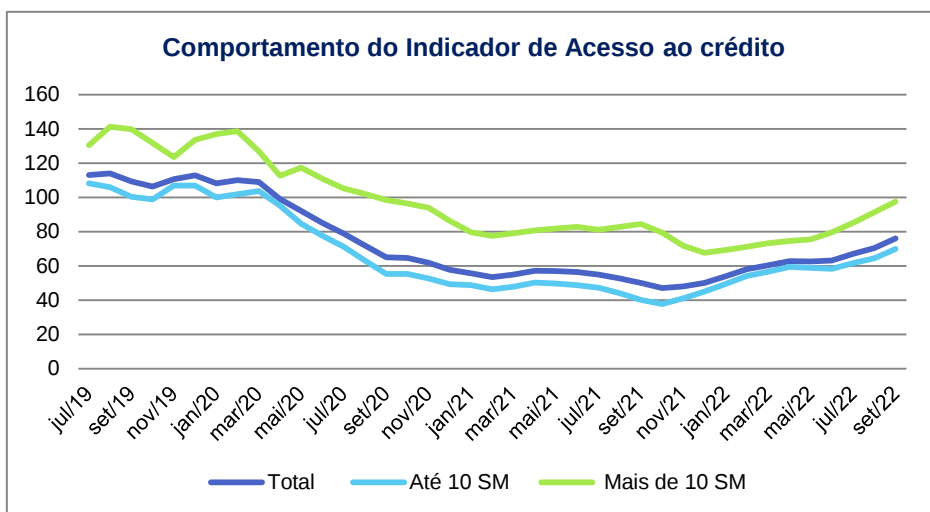
O impacto da pandemia sobre o nível de consumo ocorreu de maneira bastante similar para as duas faixas de renda analisadas, além disso, também estão em valores considerados baixos neste mês em termos absolutos, alcançando 13,1 pontos na menor renda e 35,0 pontos na maior. Em setembro,

ambas as faixas de renda apresentaram elevação frente ao mês anterior, alta de 13,6% na menor e 23,2% na maior faixa de renda, movimento positivo que ocorre desde fevereiro do ano corrente.

A queda do consumo atual também é visível nas respostas dos consumidores. A pesquisa aponta que 87,7% dos consumidores relatam estarem comprando menos do que antes e, somente, 5,8% afirmam estarem comprando mais que antes. Valores opostos na comparação com o período pré-pandemia (fevereiro de 2020), onde 36,8% das famílias indicavam estarem comprando menos do que antes e 29,0% comprando mais.

Com relação às faixas de renda, esse cenário é semelhante para ambos os grupos, mas com mais impacto ao grupo de menor renda. São 76,0% dos entrevistados com renda acima de 10 SM relatam estarem comprando menos que antes e 91,1% para famílias com renda abaixo de 10 SM também indicam esta condição.

O componente de **Acesso ao Crédito** acelerou a recuperação ao crescer pelo quarto mês seguido, alta de 7,9% frente ao mês anterior, depois de variação positiva de 5,2% em agosto. Entre janeiro e setembro de 2022, o índice apresentou em todos os meses resultados positivos,



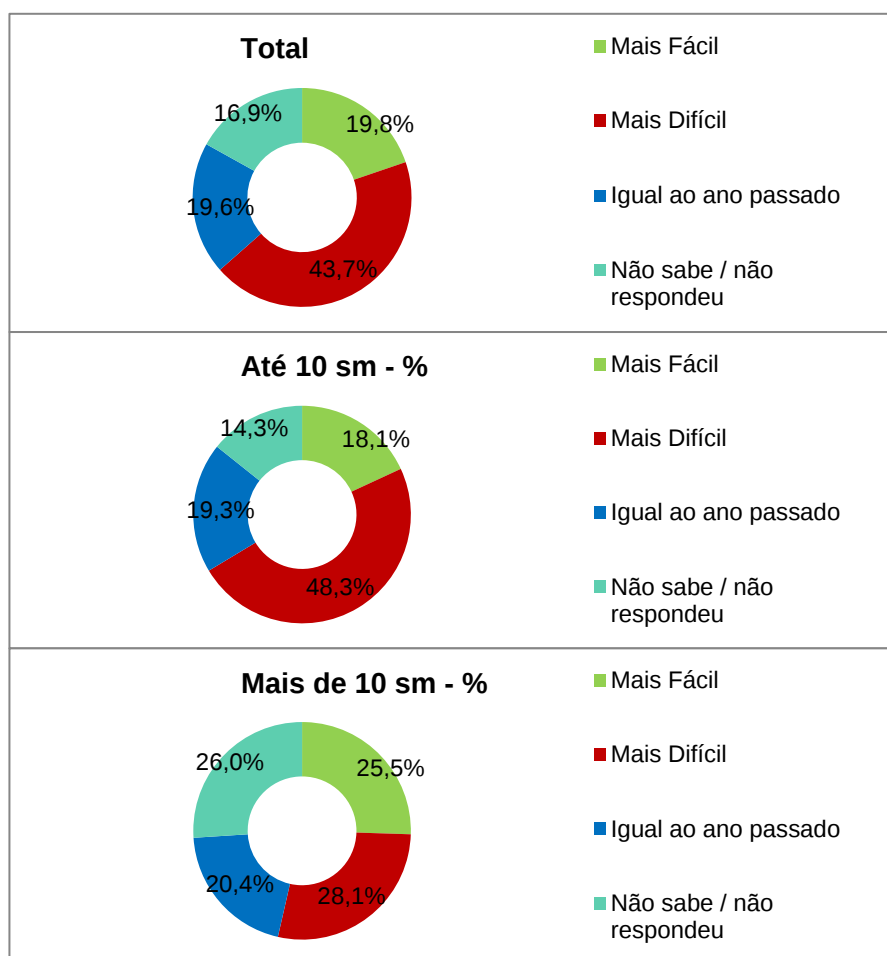
exceto em maio, por isso o índice é o segundo com melhor desempenho na média mensal de variação, com crescimento médio de 4,8%. No comparativo anual, acelerou a trajetória de crescimento com alta de 33,7%, após avançar 22,1% em julho, essa é a sétima elevação consecutiva.

Entretanto, o resultado é insuficiente para reverter as perdas da pandemia, por isso o índice está 30,9% abaixo do patamar pré-crise. Além do mais, a confiança das famílias permanece em nível pessimista ao situar-se em 76,0 pontos.

O cenário de dificuldades do crédito está atrelado em parte ao aumento na taxa SELIC que ocorre

desde março de 2021, e resultou na elevação da taxa de 2,0% (mínima histórica) para 13,75% ao ano. Ainda que a elevação das taxas de juros sugira maior restrição ao crédito, o avanço nesse indicador pode estar ligado à ampliação da liquidez no sistema financeiro para novos empréstimos e financiamentos, medida econômica realizada no início da pandemia, mas que ainda persiste.

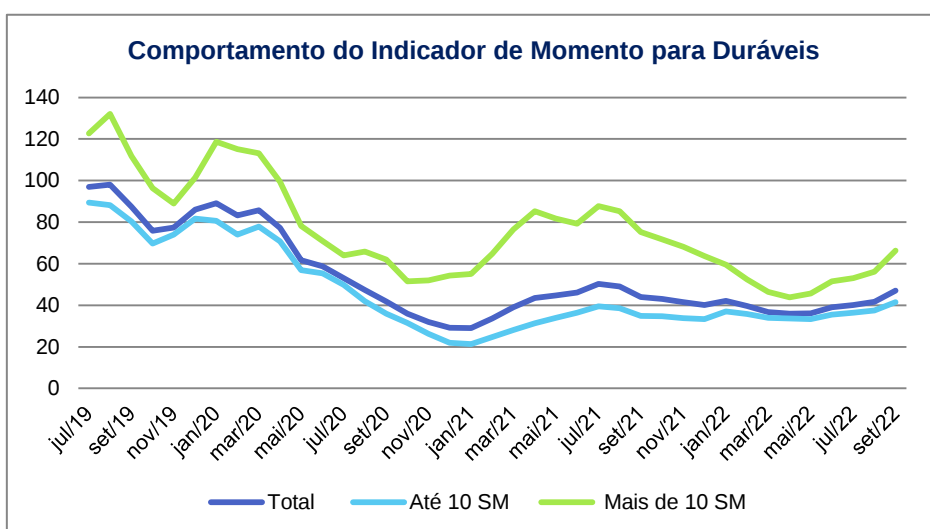
A proporção das famílias que acreditam que comprar a prazo está mais difícil atingiu 43,7% dos entrevistados no mês de setembro de 2022, enquanto 19,8% acreditam que seja mais fácil o acesso ao crédito. Na comparação com o grupo de renda, a tendência de recuperação é mais intensa para o grupo de maior renda, pois mantém trajetórias de crescimento por nove meses consecutivos, alta de 6,7% na passagem do mês. A proporção de entrevistados



com renda maior que acredita que o acesso ao crédito está mais fácil foi de 25,5%, enquanto 28,1% acreditam que está mais difícil.

Já o grupo de menor renda cresceu 8,4% diante do mês anterior, terceira alta seguida. Ainda que o resultado seja positivo, as respostas dos entrevistados confirmam a maior dificuldade das famílias com renda menor em buscar crédito no mercado, são 48,3% deles indicando dificuldade no acesso e 18,1% considerando o acesso mais fácil. Em nível de pontos, ambos seguem apontando patamares pessimistas, 97,4 pontos e 69,8 pontos, respectivamente.

O **momento para duráveis** acelerou a trajetória de recuperação ao crescer 13,0% diante do mês anterior, após alta de 3,8% em agosto. Esse é o quinto resultado positivo seguido, assim, a média de crescimento mensal está em 2,0% nesse período, o mais baixo dentre os componentes do ICF nesse período.



A recuperação

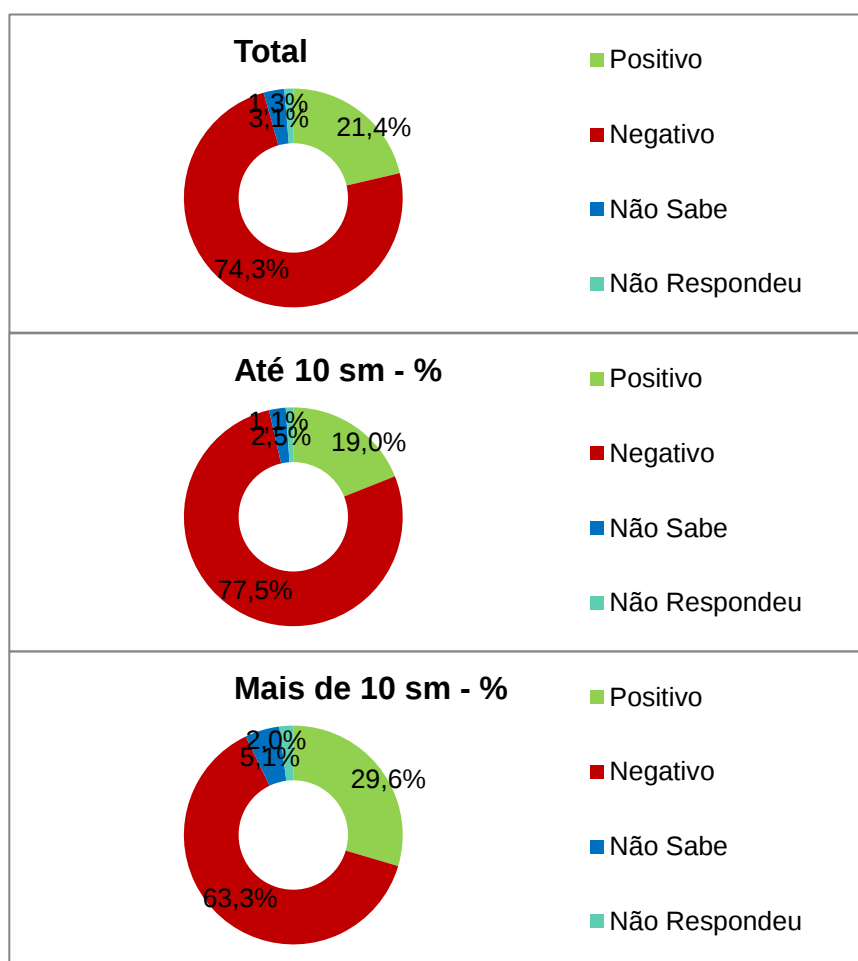
do componente é mais forte no 3º trimestre deste ano, já que a média de crescimento alcançou 6,5%, depois de média negativa de 2,75% no 1º trimestre e alta de 2,15% em média no 2º trimestre. No comparativo anual, o índice encerrou movimento negativo que permanecia desde março de 2022, ao avançar 7,2%.

Importante notar que em termo absoluto, o momento para duráveis situa-se abaixo dos 100 pontos por 69 meses seguidos (desde dezembro de 2016), o que indica a persistência do patamar negativo mesmo antes da pandemia. Em setembro o índice foi de 47,1 pontos. Esse nível é considerado ainda muito

preocupante em termos absolutos, mas as medidas físicas de redução do imposto industrializado para bens duráveis em até 25% iniciada em fevereiro por meio do Decreto nº 10.979, de 25 de fevereiro de 2022 e ampliadas para reduções de 35%, conforme o Decreto nº 11.055, de 28 de abril de 2022 podem estar provocando mudanças na confiança dos

consumidores e incentivando a retomada observadas nos quatro últimos meses, resultado confirmado no crescimento médio do 3º trimestre deste ano.

A parcela de consumidores que acreditam ser um momento negativo para compras deste tipo de produto atingiu 74,3%, queda de 3,2 p.p. em relação ao mês anterior (77,5%). A proporção dos consumidores que acreditam ser um momento positivo para essas compras saltou de 19,2% para 21,4%, alta de 2,2 p.p. diante do mês anterior. O elevado patamar pessimista reflete a maior restrição no acesso ao crédito observada na prática e a elevação dos juros de mercado comparado ao ano anterior, assim, como é uma reação por parte dos consumidores frente ao cenário de incerteza futura em relação ao controle da



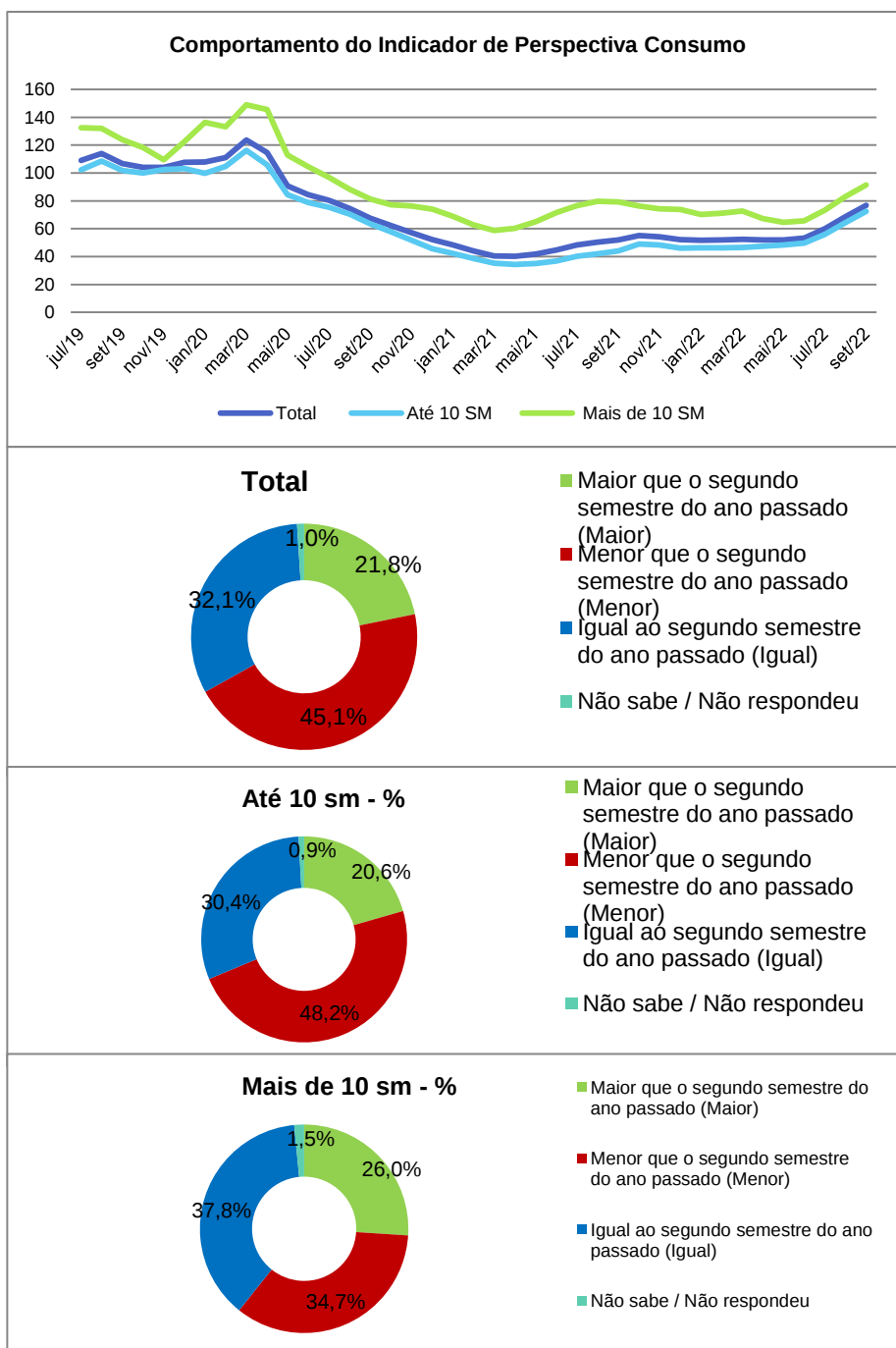
inflação, que o leva a adotar uma postura conservadora no consumo, evitando realizar gastos mais vultosos e o possível comprometimento da renda.

Na comparação com o grupo de renda, o nível pessimista em termos de pontos alcança as duas faixas de rendas, entretanto o impacto negativo é mais elevado para as famílias com menor renda. O índice para as famílias com renda acima de 10 salários mínimos encerrou o mês em 66,3 pontos, alta de 18,2% na passagem do mês, quinto movimento de crescimento consecutivo.

Já as famílias com renda abaixo de 10 salários mínimos, apresentou alta de 10,8% na passagem do mês, quarto resultado positivo seguido. O índice em valores absolutos para o grupo de renda menor alcançou 66,3 pontos no mês.

PERSPECTIVAS: PROFISSIONAL E CONSUMO

A **perspectiva de consumo** manteve a trajetória de crescimento ao avançar 11,7% frente ao mês anterior, antes alta de 14,3% em julho. Esse é o quarto resultado positivo seguido e está alinhado com o componente de consumo atual, situação que indica retomada do consumo das famílias. No comparativo anual, o ritmo da recuperação é forte, ao crescer 47,7%. Além disso, a trajetória positiva na comparação anual é mantida por nove meses seguidos. Entre janeiro e setembro, a média mensal de variação é positiva (4,5%),



assim, as perspectivas de consumo em patamar positivo são essenciais para a manutenção da recuperação ICF, caso essas expectativas sejam concretizadas.

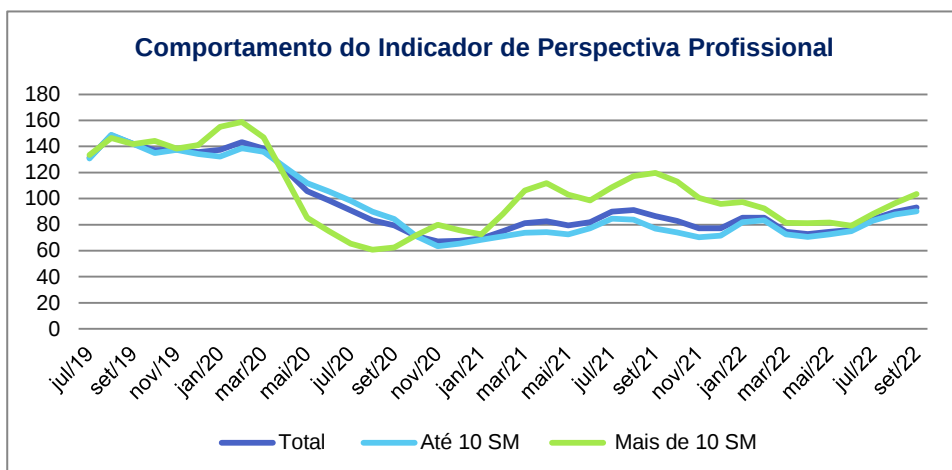
Ainda que o movimento seja de recuperação, as famílias permanecem com nível de confiança sobre o consumo futuro negativo ao considerar o índice em termos absolutos, ao situar-se em 76,7 pontos. Outro ponto de destaque é que o nível do indicador ainda apresenta riscos futuro, pois a movimento pessimista pode persistir por diversos meses, como foi observado durante a crise de 2016, quando chegou a atingir o fundo de apenas 35,9 pontos em junho de 2016 após um pico de 121,1 em novembro de 2014. Na comparação com o período pré-pandemia o índice segue abaixo em 31,0%, desempenho que mostra que os impactos e as incertezas persistem.

Para 45,1% dos entrevistados as expectativas de consumo para os três meses seguintes são menores, queda de 5,4 p.p. diante do mês anterior (50,1%). Com relação às faixas de rendas, a expectativa de consumo também é negativa para o grupo acima de 10 SM, mas os cenários são agravados para o grupo com até 10 SM, onde 48,2% das famílias têm previsão de consumo menor, enquanto 34,7% com renda maior afirmaram essa condição. Ao analisar a tendência de variação mensal, ambos os grupos de renda avançaram diante do mês anterior, alta de 12,4% e 9,8%, respectivamente.

O indicador de perspectiva

profissional cresce pelo quinto mês seguido, mas em ritmo menor que o do mês anterior. Em setembro, houve alta de 3,8% na passagem do mês,

após crescer 6,6% em agosto. Com o resultado, a variação mensal média durante o ano de 2022 passou para 2,4%. Na comparação anual, o resultado do



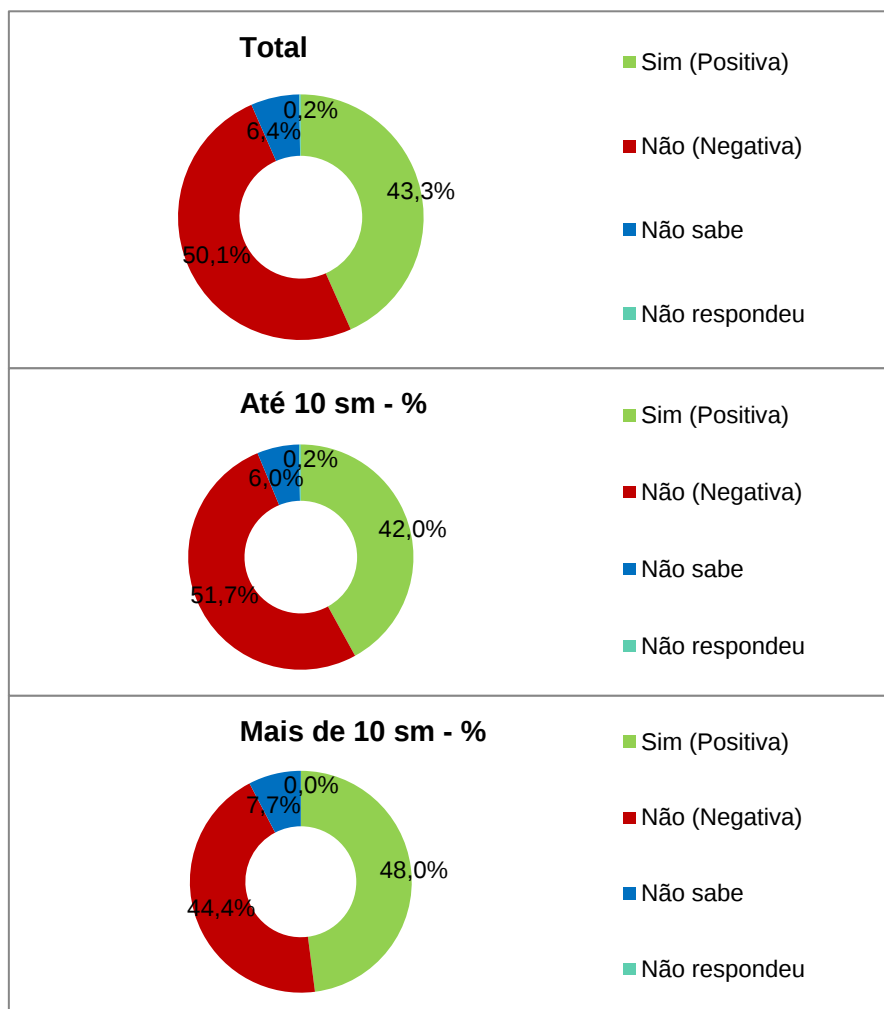
mês interrompeu houve movimento negativo que ocorreu por seis meses seguidos, ao crescer de 7,8%.

De todo modo, a retomada da confiança nas perspectivas profissionais é lenta e gradativa, por isso, o índice permanece inferior ao período pré-crise em 34,9%. Além disso, a perspectiva profissional permanece em nível de percepção pessimista, ao situar-se em 93,3 pontos.

A maior parcela das famílias (50,1%) demonstrou uma perspectiva profissional negativa em setembro

de 2022, queda de 2,1 p.p. frente ao mês anterior. São 43,3% que acreditam em perspectivas profissionais positivas no mês, alta de 1,3 p.p. diante do período anterior.

Em relação às faixas de renda, a perspectiva profissional das famílias com renda acima de 10 SM foi muito mais duramente impactada no início da crise da pandemia, sendo o único indicador em que tal faixa ficou em patamar (60,7 pontos, ago/2020) inferior às faixas de renda familiar abaixo de 10 salários mínimos (90,1 pontos, ago/2020). No mês, essa condição já foi revertida, além disso, o índice ampliou 7,4% na passagem do mês. Ainda, com esse resultado o



índice superou os 100 pontos e passou a situar-se no nível otimista (103,6 pontos), condição que não ocorria desde novembro de 2021.

Já com relação à faixa de renda até 10 SM, as perspectivas profissionais continuam abaixo dos 100 pontos, mostrando tendência pessimista em relação à expectativa profissional, ao situar-se em 90,3 pontos. Apesar de estar em patamar negativo, o índice apresenta tendência de elevação durante os cinco últimos meses, com alta de 2,7% diante do mês. Nessa faixa de renda menor, 51,7% dos entrevistados afirmam ter expectativa negativa para a profissão, enquanto na faixa maior, 44,4% indicam essa condição.

METODOLOGIA

Foram entrevistados na primeira semana do mês consumidores em potencial, residentes no Município de Florianópolis, com idade superior a 18 anos.

Para fixar a precisão do tamanho da amostra, admitiu-se que 95% das estimativas poderiam diferir do valor populacional desconhecido “p” por, no máximo 3,5%, isto é, o valor absoluto “d” (erro amostral) assumiria, no máximo, valor igual a 0,035 sob o nível de confiança de 95%, para uma população constituída de consumidores em potencial.

Preferiu-se adotar o valor antecipado para “p” igual a 0,50 com o objetivo de maximizar a variância populacional, obtendo-se maior aproximação para o valor da característica na população. Em outras palavras, fixou-se um maior tamanho da amostra para a precisão fixada.

Assim, o número mínimo de consumidores a serem entrevistados foi de 500, ou seja, com uma amostra de, no mínimo, 500 consumidores esperou-se que 95% dos intervalos de confiança estimados, com semiamplicitude máxima igual a 0,035, contivessem as verdadeiras frequências.